

POLÍTICA

Contas políticas a pagar além da dívida externa

Belém — O presidente da República é assaz inteligente para perceber as razões que hoje estão a determinar o apoio de governadores do PDS ao candidato da Aliança Democrática. O que torna frágil, à luz do raciocínio político sério, o argumento brindado ao público, em São Paulo, por porta-voz parlamentar, que reapareceu em cena para falar de traição, sentimento ainda não totalmente interpretado no plano romântico e carecedor de fundamentação racional no plano político.

Não é fácil, certamente, para o presidente da República, ver em lado oposto ao seu, no jogo sucessório, antigos companheiros de jornada. Muito mais ele, que tanto se empenhou — e o seu governo — nas eleições de 1982. Sabe o presidente, no entanto, que o movimento político é dinâmico, que as circunstâncias mudam, mudando com elas as atitudes políticas e/ou dos políticos.

O presidente Figueiredo já tem o seu lugar assegurado na história republicana. Foi o presidente da abertura, da anistia, do respeito ao jogo democrático, que pretende levar até o fim esse jogo, obedecendo ao resultado do Colégio Eleitoral e consagrando, pela via pacífica, a alternância no poder, em caso de vitória do candidato oposicionista. Isso é claro, seja a partir da análise de sua trajetória no governo do país, seja pela interpretação dos seus discursos mais recentes.

Mas é certo, também, que coube ao presidente Figueiredo o pagamento de outras contas, que não as referentes às dívidas externa e interna. A dívida política, que ele amortizou em grande parte através das medidas que adotou, ainda apresenta faturas não liquidadas. Uma delas é o centralismo. Outra é o constrangimento que a submissão ao poder central provocou, deixando sequelas graves nos universos políticos regionais.

A eleição direta para governadores de estado mudou radicalmente a fonte originária do poder regional. A união palaciana deu lugar à consagração das urnas. Os governadores do PDS devem ao presidente parcela do sucesso que obtiveram há dois anos, pois o presidente foi um privilegiado cabo eleitoral. A partir daí, cessam os contornos dessa dívida, ultrapassados em muito pelo voto individual dado a eles pelos eleitores.

A legitimidade dos governadores estaduais determinou um novo tipo de conduta por parte desses políticos em relação ao governo central, mas pouco alterou a conduta do governo central em relação aos pleitos regionais. Os governadores continuaram a depender da boa vontade de Brasília para governar. Não era isso que os governadores queriam, principalmente os do PDS. A reforma tributária que não veio, a escassez de verbas, os atrasos nas liberações de dinheiro, o descaso com que alguns ministérios econômicos trataram esses governadores, tudo isso produziu uma fermentação política diferente, que encontrou canal para ser liberada durante a execução do jogo sucessório.

Insatisfeita com o rumo que o jogo sucessório estava tomando, parcela expressiva do partido do governo constituiu-se em dissidência e se fortaleceu na prática oposicionista. Os governadores do PDS ainda tentaram contornar, mas diante do candidato escolhido pelo partido, preferiram outra opção. A candidatura Tancredo Neves significa para eles, também a possibilidade de mudança no estilo de relacionamento do poder central com os estados, com maior valorização do poder regional. Os governadores, considerados os riscos, estão resolvendo mudar o jogo. E para ganhar esse jogo contam com a força das relações estaduais, capaz de dar a eles votos no Colégio Eleitoral. Eles não estiveram a favor de Paulo Maluf na convenção partidária e decidiram manter a oposição a essa candidatura. Poderão perder novamente, mas não é essa, atualmente, a previsão em torno do resultado final do jogo sucessório.

O comício

A chuva é o maior adversário do comício do candidato da Aliança Democrática em Belém. O outro, a participação das esquerdas, organizadas ou não, afirma o governador Jader Barbalho que já foi superado. A própria polícia estadual encarregou-se de apreender panfletos considerados inoportunos. O governador não exclui a possibilidade de aparecerem, no comício, algumas bandeiras vermelhas, mas tem certeza de que elas, se aparecerem, estarão sendo levadas por militantes isolados, à revelia das direções, no caso dos partidos comunistas ilegais. Até mesmo o clássico local, Remo e Paissandu, foi adiado. Isto é, o governador tem certeza de que o comício a favor de Tancredo Neves será um grande sucesso. Dos nove governadores da oposição, sete confirmaram presença. E, especial para os baianos, no palanque armado por Jader Barbalho em Belém, estarão juntos duas estrelas da política local: os ex-governadores Roberto Santos e Antonio Carlos Magalhães. Os baianos começam a superar suas dificuldades para eleger o candidato da Aliança Democrática.

Luiz Recena Grassi